



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES/ CAMPUS III GUARABIRA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ANA KARLA OLIVEIRA DA SILVA**

**HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA MULHER NEGRA NA TRANSIÇÃO DO  
SÉCULO XX - XXI**

**GUARABIRA  
2024**

ANA KARLA OLIVEIRA DA SILVA

**HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA MULHER NEGRA NA TRANSIÇÃO DO  
SÉCULO XX - XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

**GUARABIRA - PB  
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586h Silva, Ana Karla Oliveira da.  
História e historiografia da mulher negra na transição do século XX-XXI [manuscrito] / Ana Karla Oliveira da Silva. - 2024.  
20 f.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de História - CH".

1. Mulheres negras no Brasil. 2. Feminismo negro. 3. Direitos das mulheres. I. Título

21. ed. CDD 306.09

ANA KARLA OLIVEIRA DA SILVA

**HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA MULHER NEGRA NA TRANSIÇÃO DO  
SÉCULO XX - XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovada em: 15/10/2024

**BANCA EXAMINADORA**



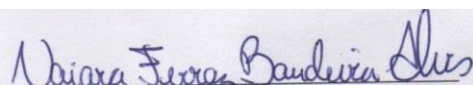
---

Prof. Dr. Waldecy Ferreira Chagas (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



---

Profa. Dra. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)



---

Profa. Dra. Naiara Ferraz Bandeira Alves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)

Aos meus pais, pela educação, dedicação,  
companheirismo e amizade, DEDICO.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	0
	.....	9
2	<b>METODOLOGIA</b> .....	1
	..	0
3	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	1
	.....	1
3.1	<b>Raízes de resistência, frutos de protagonismo: A mulher negra brasileira nos séculos XX e XXI</b>	1
3.2	<b>(Re)escrevendo a história: A centralidade da experiência negra no feminismo</b> .....	2
4	<b>CONSIDERAÇÕES</b>	1
5	<b>FINAIS</b> .....	6
	...	2
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	0
	.....	2
	.....	1
	.....	



## HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA MULHER NEGRA NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XX - XXI

### HISTORY AND HISTORIOGRAPHY OF BLACK WOMEN IN THE TRANSITION OF THE 20TH - 21ST CENTURY

Ana Karla Oliveira da Silva<sup>1\*</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho analisa a trajetória das mulheres negras no Brasil, com foco especial no período que compreende os séculos XX e XXI. A pesquisa evidencia a complexidade da luta dessas mulheres, marcada pela interseccionalidade de gênero, raça e classe, e pela resistência histórica frente às diversas formas de opressão. Para realização do estudo, fez uma imersão sistemática na historiografia, com a análise de artigos científicos e livros sobre o tema. A luta das mulheres negras no Brasil foi marcada por uma longa história de resistência e resiliência. No início do século XX, as mulheres negras enfrentavam uma tripla opressão: de gênero, raça e classe. Ressalta-se que, a década de 1990, foi marcada por um avanço significativo na visibilidade e na luta das mulheres negras, visto que a criação do Movimento de Mulheres Negras (MMN) e a efetivação de políticas afirmativas foram marcos importante nesse período. Nesse sentido, Lélia Gonzalez, Benedita da Silva e Conceição Evaristo; mulheres negras e atuantes foram fundamentais para a construção do feminismo negro no Brasil. O início do século XXI foi marcado pela intensificação da luta das mulheres negras, com a criação de novos movimentos sociais e a ampliação da participação política dessas mulheres. A Marcha das Mulheres Negras tornou-se um marco na mobilização nacional, à medida que trouxe visibilidade às demandas específicas dessas mulheres. Destaca-se que, a luta das mulheres negras no Brasil é um processo contínuo e complexo, marcado por conquistas e desafios. As mulheres negras desempenham papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e suas histórias e lutas devem ser reconhecidas e valorizadas e o futuro de suas lutas passa pela continuidade da organização, da mobilização e da luta por políticas públicas que garantam a igualdade racial e de gênero.

**Palavras-Chave:** Mulheres negras, Feminismo negro, Direitos das mulheres.

---

<sup>1\*</sup> Nota de rodapé contendo breve currículo do primeiro autor e endereço eletrônico.



## ABSTRACT

This work analyzes the trajectory of black women in Brazil, with a special focus on the period that encompasses the 20th and 21st centuries. The research highlights the complexity of these women's struggles, marked by the intersectionality of gender, race and class, and by historical resistance to various forms of oppression. To carry out the study, a systematic review of the literature was carried out, with the analysis of scientific articles, books and historical documents. The struggle of black women in Brazil was marked by a long history of resistance and resilience. At the beginning of the 20th century, black women faced triple oppression: gender, race and class. It is noteworthy that the 1990s were marked by a significant advance in the visibility and struggle for black women's issues, in which the creation of the Black Women's Movement (MMN) and the implementation of affirmative policies were important milestones in this period. Important figures such as Lélia Gonzalez, Benedita da Silva and Conceição Evaristo were fundamental to the construction of black feminism in Brazil. The beginning of the 21st century was marked by the intensification of the struggle of black women, with the creation of new social movements and the expansion of these women's political participation. The Black Women's March became a milestone in national mobilization, bringing visibility to the specific demands of black women. It is noteworthy that the struggle of black women in Brazil is a continuous and complex process, marked by achievements and challenges. Black women play a fundamental role in building a more just and egalitarian society, and their stories and struggles must be recognized and valued and the future of their struggles depends on the continued organization, mobilization and fight for public policies that guarantee the racial and gender equality.

**Keywords:** Black women, Black feminism, Women's rights.

## 1 INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por transformações profundas e marcantes em todo mundo (Costa; Rodrigues, 2023), caracterizado por guerras mundiais, avanços tecnológicos, conflitos geopolíticos, globalização, revoluções e atuação dos movimentos sociais (Gonçalves, 2020); (Neves, 2020); (Fagundes, 2021); (Fontana, 2021); (Trevas, 2022).

Diversos movimentos tomaram força expressiva para ser viabilizados e se tornaram efetivos no que diz respeito à conquista de direitos sociais fundamentais e lutaram por mudanças na sociedade na qual se encontravam inseridas (Santos; Lima, 2020). Nesse momento, as mulheres também lutavam por direitos básicos, como o direito ao voto e à educação, enfrentando uma sociedade predominantemente patriarcal e restritiva (Oliveira, 2022).

O chamado movimento feminista de caráter filosófico, político e intelectual foi responsável pela luta e obtenção de diversos direitos e conquistas femininas ao redor do mundo, tendo como base a busca pela igualdade e libertação das mulheres frente à opressão praticada pelas estruturas de gênero da época (Taboada, 2021). O movimento trouxe à tona a mais ampla gama de reivindicações, tão variadas quanto os estratos sociais e as origens raciais das participantes (Caetano, 2017).

Segundo Marcelino (2018), as mulheres das classes mais elevadas exigiam o direito à propriedade, não mais ser considerada única do marido, igualdade jurídica entre gênero, igualdade de acesso à educação formal, acesso a profissões, fim de casamentos arranjados e direito ao divórcio. As mulheres de classes sociais mais baixas exigiam a redução de jornadas de trabalho árduas, a proibição do assédio nas fábricas e da violência doméstica e as mulheres negras tinham reivindicações ainda mais urgentes como o fim dos estupros frequentes (Marcelino, 2018; Oliveira, 2022).

Enquanto o movimento feminista avançava em busca de direitos e igualdade, as mulheres negras enfrentavam desafios adicionais devido à interseccionalidade de gênero e raça (Crenshaw, 1991). O conceito de interseccionalidade, amplamente utilizado pelas feministas negras, foi atribuído a Kimberlé Crenshaw (1991) e se refere às formas de opressão interseccionais, ou seja, categorias de raça, gênero, classe e sexualidade se interseccionam e suas opressões são reproduzidas na matriz de dominação. Para Collins (2019) a interseccionalidade é uma categoria político-crítica

de análise, um campo dinâmico do conhecimento, um paradigma que atua como ponte para compreender fenômenos sociais.

As mulheres negras lutaram não apenas pelo direito ao voto, mais também pela representação e participação efetiva nos espaços de poder, muitas vezes marginalizadas dentro do próprio movimento feminista e enfrentando obstáculos específicos de discriminação racial (Rodrigues, 2020).

No Brasil, o movimento feminista negro nasceu na década de 1970 e se intensificou a partir da criação do Movimento de Mulheres Negras (MMN), bem como apoio de Organizações Não Governamentais (ONGs) (Santos, 2020).

A ampliação e o fortalecimento do Feminismo Negro no Brasil contemporâneo são efeitos da luta histórica das mulheres negras, e a partir de então novos espaços de discussão foram criados, desde o ambiente universitário até as redes sociais virtuais, sendo capazes de garantir não apenas novas adeptas ao movimento, mas chamado atenção da sociedade para as desigualdades sofridas pelas mulheres negras no país (Weschenfelder; Fabris, 2019). Desse modo, o presente estudo tem como objetivo discutir aspectos históricos e historiográficos da mulher negra entre os séculos XX/XXI.

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa foi conduzida através de consulta e análise bibliográfica sistemática, que consistiu na seleção, e síntese de estudos relevantes ao tema, composta por três etapas, tais como: a) busca bibliográfica geral; b) separação das principais obras; c) leitura crítica.

Foram consultadas obras acadêmicas, artigos científicos, teses e dissertações, em plataformas de pesquisas tais como: Periódicos CAPES, Web of Science, Google Acadêmico e periódicos internacionais com alto fator de impacto. A análise das obras foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, buscou-se identificar padrões, tendências e divergências nas narrativas históricas e historiográficas sobre a mulher negra na transição dos séculos XX /XXI.

As bibliografias analisadas foram identificadas em bases de dados acadêmicas, bibliotecas virtuais, repositórios institucionais e outras fontes confiáveis. Os conteúdos foram organizados e analisados de acordo com os objetivos da pesquisa, utilizando técnicas de análise de conteúdo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início do século XX, as mulheres negras enfrentavam uma tripla opressão: de gênero, raça e classe. As mudanças significativas começaram a ocorrer nas décadas de 1960 e 1970, com o surgimento de movimentos pelos direitos civis e feministas. No entanto, as mulheres negras muitas vezes se viam à margem desses movimentos, o que levou à criação de grupos específicos que abordavam suas necessidades únicas. As décadas seguintes viram um aumento na visibilidade e na luta pelas pautas das mulheres negras, culminando em uma maior conscientização e algumas melhorias nas condições sociais e políticas.

O feminismo negro no Brasil, assim como em outras partes do mundo, não se desenvolveu de forma linear, mas sim em momentos que se sobrepõem e se complementam. Cada fase trouxe novas perspectivas e aprofundou a luta por direitos e reconhecimento das mulheres negras. Rodrigues e Freitas (2021) destacam que o movimento negro feminino brasileiro pode ser dividido em três tempos:

O primeiro é marcado pela emergência do Movimento de Mulheres Negras (MMN), nos anos 1980; o segundo tempo (década de 90) foi marcado pela expansão e por novas articulações, caracterizada pela tentativa de estabelecer canais formais de participação política para as mulheres negras; e o terceiro tempo é caracterizado por mobilizações de rua na década de 2010, exemplificadas pelo impacto da Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver, ocorrida em Brasília, em 2015, com significativa relevância para o momento atual das mobilizações pela ampliação de direitos para a população negra, em especial, as mulheres negras (Rodrigues; Freitas, 2021, p.3).

De modo geral, a trajetória da mulher negra é marcada por lutas e resistências, sendo sua luta caracterizada pela busca de mudanças a partir da construção de sua própria identidade (Crispiniano, 2016). Na década de 1980 algumas mulheres se destacaram na luta pelos direitos das mulheres negras em todo o mundo, inspirando assim outras mulheres. Ângela Davis, filósofa estadunidense, é uma importante ativista do movimento feminismo negro no mundo, pois escreve obras sobre o tema, como "Mulher, Raça e Classe" (1981) e "Abolitionist Feminism" (2005).

No Brasil, o movimento feminista negro se configurou alinhado ao contexto internacional, em que as mulheres negras reivindicavam espaço para vocalizar suas demandas na arena dos debates e disputas das relações de bases patriarcais e de

questões étnico-raciais, tencionando o campo do feminismo, que se reconfigura e se dilata a partir da pauta interseccional (Silva; Bronzo; Brasil, 2024).

Algumas personagens também foram cruciais na história da mulher negra, como Lélia Gonzalez, escritora e ativista fundadora do Coletivo Feminista de Mulheres Negras (1983) e da Rede de Mulheres Negras e Feministas (1988). Autora de obras como "A Mulher Negra na Nova República" (1988), onde propôs a teoria do feminismo negro brasileiro.

### **3.1 Além da Margem: O protagonismo das mulheres negras brasileiras na sociedade dos anos 1990**

Nos anos 1990, o Brasil viveu um período de profundas transformações sociais, econômicas e culturais. As mulheres negras ainda enfrentavam diversas desigualdades, como a pobreza, a violência, a falta de acesso à educação e saúde de qualidade, a sub-representação nos espaços de poder e a invisibilidade na mídia eram realidades cotidianas. No entanto, a década também foi marcada pela emergência das mulheres negras como protagonistas na luta por igualdade e reconhecimento, desafiando estereótipos e rompendo barreiras em diversas esferas da sociedade. Este protagonismo não apenas ressaltou a resistência e resiliência dessas mulheres, também revelou suas contribuições fundamentais na educação, cultura e política.

A situação de precariedade vivenciada, de modo geral, pelas mulheres negras sempre foi um impedimento ao avanço da sua escolarização (Queiroz e Santos, 2016). No âmbito acadêmico e educacional, a presença das mulheres negras na educação e na academia começou a ganhar maior visibilidade. Programas de ação afirmativa e cotas para negros nas universidades começaram a ser discutidos, pavimentando o caminho para futuras políticas de inclusão. O projeto de lei nº 1.332/1983, que conferia projetos de ação compensatória diante das desigualdades por negros, apesar de ser reprovado no Congresso Nacional, foi fundamental para a verificação da realidade da população negra e a disseminação da concepção na qual políticas de ação afirmativa são fundamentais para ressarcir os danos causados pela estrutura racialmente desigual (Carmo *et al.*, 2021, Rodrigues, 2021), bem como fomentou outras discussões.

Na cultura e nas artes, mulheres negras brasileiras destacaram-se como artistas, escritoras, cantoras e cineastas, trazendo à tona narrativas que antes eram marginalizadas. Figuras como a escritora Conceição Evaristo, a cantora Elza Soares

e a cineasta Adélia Sampaio desafiaram as representações tradicionais e abriram espaço para vozes negras em um cenário cultural predominantemente branco. Suas obras não só celebravam a herança cultural afro-brasileira, mas também criticavam as desigualdades raciais e de gênero presentes na sociedade.

O ativismo político também foi uma área de destaque para as mulheres negras nos anos 1990. Militantes como Benedita da Silva, que se tornou a primeira senadora negra do Brasil, cuja trajetória política inspira gerações, exemplifica o crescente envolvimento das mulheres negras na política e em movimentos sociais. Os anos 2000 foram marcados por uma crescente conscientização sobre a importância da interseccionalidade, ou seja, a compreensão de como as opressões de gênero, raça e classe se entrelaçam.

No final do século XX, várias mulheres negras brasileiras destacaram-se em diversas áreas, contribuindo de forma significativa para a sociedade e a cultura do país, sendo algumas delas:

### **Lélia Gonzalez**

Lélia Gonzalez, nascida em 1935 em Belo Horizonte, cursou História e Geografia (1958) e Filosofia (1962) na Universidade do Estado da Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tornou-se uma das poucas professoras negras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde trabalhou até o fim da vida (Barreto, 2021; Ratts, 2022). Lélia dedicou sua vida a desvendar as complexas intersecções entre o racismo, o sexismo e a opressão colonial, especialmente no contexto da experiência negra feminina.

Sua relação com o movimento negro marcou profundamente sua trajetória. Em 1976, esteve associada a uma de suas primeiras organizações no Rio de Janeiro, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, IPCN. Em julho de 1978, participou da fundação do Movimento Negro Unificado, MNU e no ano seguinte, fundou, com outras mulheres negras, o Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, permanecendo até 1985 (Ambra, 2020; Barreto, 2021; Rios; Klein, 2022).

Uma das principais contribuições de Lélia Gonzalez foi a construção de um feminismo negro que não se limitava a denunciar a opressão, mas que também buscava valorizar as culturas e as histórias das mulheres negras. Ela defendia a necessidade de um olhar afrocentrado, que colocasse as mulheres negras como sujeitos históricos e políticos, capazes de transformar a realidade. Atualmente, o

pensamento de Lélia Gonzalez continua a ser fundamental, suas ideias inspiraram diversas gerações de ativistas e intelectuais, e sua obra continua sendo referência para quem busca compreender as desigualdades sociais e construir um futuro mais justo e equânime.

### **Benedita Sousa da Silva Sampaio**

Benedita da Silva, conhecida como Bené, nasceu em 11 de março de 1943, na favela da Praia do Pinto na cidade do Rio de Janeiro – RJ. Benedita é uma protagonista na luta pelos direitos das mulheres negras no Brasil, trabalhou como ambulante, auxiliar de enfermagem e empregada doméstica, na feira para escapar da fome, que sentiu na pele a violência sexual e racista, tornou-se Assistente Social, Senadora, Ministra de Estado e Governadora. Viveu mil vidas em uma e é o retrato da cara negra e feminina brasileira – complexa, atravessada por dores e coragem (Gomes, 2023).

Sua luta e carreira na política são vertiginosas, sendo a primeira mulher negra a representar em cargos dos poderes legislativo e executivo na história brasileira, foi a única deputada negra na Constituinte de 1988, Benedita enfrentou na arena política a luta contra a ideia de que no Brasil não existiria discriminação racial (Silva e Almeida, 2020).

### **Conceição Evaristo**

Maria da Conceição Evaristo de Brito, popularmente conhecida como Conceição Evaristo, nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Conceição se mudou para o Rio de Janeiro em 1973, onde se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Posteriormente, conciliou os trabalhos na docência, na literatura e na produção de estudos teóricos, concluiu seu Mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio) e o doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF) (Silva *et al.*, 2022). Conceição Evaristo é uma mulher fundamental da literatura brasileira contemporânea, especialmente conhecida por sua luta pela visibilidade das mulheres negras e sua contribuição para o movimento negro. Na década de 1990, seu trabalho ganhou destaque, marcou um período crucial para a afirmação da identidade negra no Brasil. A partir de sua escrita e suas obras, essa autora tornou visíveis as experiências e as histórias de mulheres negras, e ainda se destacou devido a inovação do conceito de "escrevivências", que une escrita e

vivência, para dar conta da complexidade da experiência negra feminina e da oralidade presente nas comunidades negras (Silva *et al*, 2022).

Em um contexto de crescente visibilidade das questões de gênero e raça, as mulheres negras intensificaram suas lutas por direitos e reconhecimento. Segundo Rodrigues e Freitas (2021):

Desde a organização do Movimento de Mulheres Negras, nos anos 1980, até o presente, feministas negras têm utilizado uma miríade de repertórios discursivos e estratégias de confronto, os quais se alinham ao contexto histórico e social em que atuam com os objetivos de: (i) alterar os estereótipos negativos acerca das mulheres negras; (ii) impactar e influenciar positivamente instituições formais para a construção e implementação de políticas sensíveis à promoção contínua de igualdade de gênero e raça; e (iii) promover o empoderamento de mulheres negras (Rodrigues e Freitas, 2021, p. 44).

De acordo com esses autores, a trajetória e os objetivos do feminismo negro estão pautados na diversidade de estratégias. O movimento não é homogêneo e estático, pois, ao longo dos anos, as mulheres negras têm empregado uma variedade de táticas e abordagens para alcançar seus objetivos, adaptando-se às mudanças sociais e históricas. Além disso, as ações do feminismo negro são sempre contextualizadas, ou seja, levam em consideração as particularidades do momento histórico e social em que ocorrem. Essa flexibilidade é fundamental para garantir a relevância e a efetividade das suas ações. Desse modo, nota-se que os objetivos são claros e multifacetados, a partir da desconstrução do estereótipo, do empoderamento feminino e a luta pela igualdade de gênero e raça que são pilares do movimento de mulheres negras.

O pensamento feminista negro e os movimentos sociais de mulheres negras são ação política e projeto de conhecimento e luta orientado por tradições ancestrais africanas, pelos saberes indígenas, tanto como estão também inseridos na teoria feminista e antirracista desenvolvida no século XX (Silva, 2023). Ainda segundo essa autora, na década de 1990, os movimentos feministas negros estavam voltados à integração na política institucionalizada, pois buscavam impactar as instituições governamentais e políticas em longo prazo a responder as suas demandas. Porém, no início do século XXI o movimento é caracterizado por uma ampliação significativa das vozes e espaços ocupados por mulheres negras, que passaram a se articular de forma mais expressiva e a reivindicar direitos com maior visibilidade.



Nos anos 2000 a 2010, houve um aumento expressivo na criação e fortalecimento de coletivos e organizações lideradas por mulheres negras. Exemplos incluem o *Geledés - Instituto da Mulher Negra* e a *Marcha das Mulheres Negras*, que se tornou um marco na mobilização nacional, o que trouxe visibilidade às demandas específicas das mulheres negras, como o combate ao genocídio da população negra e a valorização de sua cultura e identidade.

O Instituto da Mulher Negra (Geledés) é uma organização que disponibiliza conteúdos em defesa das mulheres negras em particular e da comunidade negra em geral “por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira.” (GELEDÉS, 2016, p. 2018). Além disso, desenvolve projetos no campo de ação política e social como a questão racial e de gênero e conta com um *Web site* que dissemina e produz informações étnico-raciais e de gênero, especificamente à mulher negra (Araújo; Bezerra; Oliveira, 2018; Silva, 2023).

O Brasil possui um rico histórico de mulheres negras que, ao longo da história, lutaram incansavelmente por seus direitos. No início do século XXI, essa luta se intensificou, com novas lideranças femininas negras emergindo e ampliando as discussões sobre racismo, machismo e desigualdade social. Sueli Carneiro é uma das mulheres de maior importância na luta das mulheres negras no país. Socióloga e ativista, Sueli Carneiro é fundadora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, uma das principais organizações feministas negras do país (Bueno, 2024). Seu trabalho é fundamental para a promoção da igualdade racial e de gênero no Brasil (Matos, 2022).

É possível afirmar que o legado das lutas anteriores, no final do século XX, foi fundamental para a organização das mulheres negras nos anos 2000. A continuidade dessas lutas se dá através da transmissão de conhecimento e experiência entre gerações, o que fortalece a identidade coletiva e a determinação de continuar a luta por um Brasil mais justo e inclusivo.

### **3.2 (Re) escrevendo a história: a centralidade da experiência negra no feminismo**

A história sobre a mulher no século XXI tem experimentado uma transformação significativa, impulsionada por diversos fatores, como o fortalecimento dos movimentos feministas, a crescente conscientização sobre as questões de gênero e a maior participação das mulheres na produção do conhecimento histórico. Destaca-

se que novas perspectiva e abordagens estão pautadas na interseccionalidade, o estudo das masculinidades, e a consideração das experiências globais e descoloniais contribuem para um entendimento mais complexo e multifacetado da história das mulheres.

No que se refere às mulheres negras no século XXI, a historiografia dessas personagens representa um avanço crucial no entendimento das interseções entre raça, gênero e classe, enfatiza a importância de analisar a experiência das mulheres negras de forma diferenciada e autônoma. Essa abordagem é profundamente influenciada por teorias feministas negras, que buscam corrigir as lacunas e exclusões históricas em que as experiências das mulheres negras foram marginalizadas tanto nos estudos de gênero quanto nos estudos raciais.

Neste texto em “entrevista ao coletivo de mulheres negras do umbigo para o mundo”, Lélia Gonzalez (2019) oferece uma base importante para discutir a historiografia das mulheres negras no século XXI, pois aborda questões centrais que ainda ressoam fortemente nos estudos contemporâneos. Na entrevista, essa estudiosa destaca a dificuldade de as mulheres negras encontrarem um espaço de reconhecimento tanto dentro do movimento feminista quanto dentro do movimento negro, evidenciando a dupla marginalização e, mostra que as lutas por direitos das mulheres negras não podem ser entendidas isoladamente, mas como uma sobreposição de opressões.

Lélia afirma que algumas atividades são importantes para mudar esse fato, estando essas ações pautadas em atividades concretas:

[...] nós temos que estabelecer tarefas dentro de um campo concreto e rapidinho desenvolver uma militância muito ativa junto às próprias comunidades negras espalhadas pelo Brasil. [...] Temos que nos voltar para dentro do quilombo e nos organizarmos melhor no sentido de dar um instrumental para esses que vão chegar e vão continuar o nosso trabalho. [...] Hoje a militância se diversifica, e ela é obrigada a se diversificar em face dos terríveis problemas que nós temos pela frente (Lélia Gonzalez, p. 218, 2019).

Além da simples reação aos problemas sociais, Lélia propõe uma organização sólida e voltada para o fortalecimento interno das comunidades negras. O foco na educação e na capacitação técnica das pessoas negras reflete uma perspectiva de longo prazo, onde a luta contra o racismo passa pela preparação das futuras gerações para enfrentar um mundo cada vez mais complexo. Essa abordagem é profundamente

ressonante na historiografia atual, que reconhece a necessidade de uma atuação militante que se alicerce em ações práticas e estruturadas para garantir a emancipação efetiva das comunidades negras.

Gonzalez (2019) também discute as questões raciais e de gênero dentro do feminismo, critica o movimento feminista tradicional por não incorporar as lutas raciais. A historiografia contemporânea reconhece essa crítica e se preocupa em estudar o feminismo negro como corrente autônoma, que responde às necessidades específicas das mulheres negras. Em uma entrevista, a antropóloga e pesquisadora Christen Smith (2022), afirma que o feminismo negro:

[...] é uma visão de mundo que reconhece a importância da mulher negra na história, que reconhece a nossa contribuição intelectual e epistemológica para o mundo, que reconhece que é impossível entender a estrutura social sem entender essa questão de opressões interligadas, sem entender que necessitamos analisar raça, gênero e classe, a sexualidade, tudo ao mesmo tempo. É uma filosofia que dá valor ao conhecimento cotidiano das comunidades mais marginalizadas, que dá valor às pessoas pobres, às pessoas que não têm nada; uma filosofia que critica a estrutura de poder, as hierarquias de poder. Para mim o feminismo negro é tudo isso! Não é simplesmente estudar a mulher negra. Isso para mim é “estudo da mulher negra”, “*Black woman studies*”; feminismo negro é outra coisa. É epistemologia, é filosofia! (Sousa, Silva, Jardim; p. 13, 2022).

Christen Smith destaca a riqueza e profundidade do feminismo negro, afirmando ser uma epistemologia e uma filosofia que desafia as estruturas de poder e hierarquias tradicionais, pois valoriza o conhecimento e as experiências das mulheres negras e das comunidades marginalizadas. Ao incorporar as complexidades de raça, gênero, classe e sexualidade, o feminismo negro oferece uma lente única para compreender as interações de poder na sociedade, algo que tanto Lélia Gonzalez quanto as pensadoras contemporâneas consideram essencial para a transformação social.

Desse modo, a base do feminismo negro repousa na herança de luta das mulheres negras, em suas experiências históricas diferenciadas, nos embates contra as imagens objetificadas, nas marcas das lutas pela superação do racismo, sexismo e do classicismo, na política pelo empoderamento cotidiano, na independência política e teórica, na recusa ao silenciamento de sua história, nas práticas ideológicas e intelectuais, no respeito às diferenças de identidade entre as mulheres e no combate às imagens de controle (Bispo, 2011).

A trajetória de luta das mulheres negras, evidenciada por Lélia Gonzalez, encontra eco nas obras de outras autoras negras, como Conceição Evaristo. Em seu poema "Vozes-Mulheres" (1990), essa escritora traça uma linhagem histórica que conecta as experiências de diversas gerações, desde a bisavó escravizada até a filha que herda a luta por liberdade. A metáfora da voz, presente em cada estrofe, simboliza a força da resistência negra e a transmissão Inter geracional da memória e da luta, segue:

<p>A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. ecoou lamentos de uma infância perdida. A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo. A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela.</p>	<p>A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome. A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade.</p>
---	--

O poema aborda a herança de opressão e resistência das mulheres negras no Brasil, à medida que liga o passado escravocrata ao presente de marginalização, mas também aponta para um futuro de liberdade e emancipação. A obra de Evaristo alinha-se com os princípios do feminismo negro, ao valorizar a ancestralidade, a oralidade e a experiência das mulheres negras como fontes de conhecimento e resistência. A poetisa revela como a luta contra o racismo e o sexismo se inscreve nos corpos e nas memórias das mulheres negras, sendo transmitida de geração em geração, até que a voz de sua filha ecoe a esperança de um futuro livre de opressão.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A atuação das mulheres negras brasileiras na transição do século XX-XXI revela a continuidade e a profundidade das lutas históricas contra o racismo, o sexismo e as desigualdades sociais no Brasil. Essas mulheres têm se consolidado como protagonistas em diversas frentes, desde a política e a educação até a cultura e os direitos humanos, articulando-se de maneira estratégica e interseccional para enfrentar as múltiplas formas de opressão que afetam suas vidas.

As trajetórias de mulheres como Benedita da Silva, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo e tantas outras demonstram a força e a resiliência das mulheres na busca por um país mais justo e igualitário. Elas desafiaram as estruturas de poder e tem promovido mudanças significativas na sociedade, não apenas denunciando as injustiças, mas também propondo alternativas e construindo novos caminhos para a inclusão e o empoderamento.

A mobilização das mulheres negras no século XXI foi caracterizada pela formação de movimentos sociais, pela participação política, pela valorização da identidade cultural e pela criação de novas narrativas que desafiam os estereótipos e promovem o reconhecimento das contribuições históricas e contemporâneas das mulheres negras para o Brasil. Por meio da educação, da cultura, da mídia e da política, as mulheres negras têm ampliado sua influência e garantido que suas vozes sejam ouvidas. A luta por direitos das mulheres negras é uma luta por justiça social, que busca não apenas a reparação das injustiças históricas, mas também a construção de um futuro onde a igualdade racial e de gênero sejam realidade.

## REFERÊNCIAS

AMBRA, P. O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez. **Revista de Psicanálise**, p. 85-101, 2020. Disponível: [chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://www.researchgate.net/profile/Pedro-Ambra/publication/382825770\\_O\\_lugar\\_e\\_a\\_fala\\_a\\_psicanalise\\_contra\\_o\\_racismo\\_em\\_Lelia\\_Gonzalez/links/66ad67822361f42f23af2d03/O-lugar-e-a-fala-a-psicanalise-contra-o-racismo-em-Lelia-Gonzalez.pdf](chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://www.researchgate.net/profile/Pedro-Ambra/publication/382825770_O_lugar_e_a_fala_a_psicanalise_contra_o_racismo_em_Lelia_Gonzalez/links/66ad67822361f42f23af2d03/O-lugar-e-a-fala-a-psicanalise-contra-o-racismo-em-Lelia-Gonzalez.pdf) Acesso: 05 de agosto de 2024.

ARAÚJO, A. R. S.; BEZERRA, M. G.; OLIVEIRA, H. P. C. Arquitetura da informação no Website Geledés: a mulher negra em foco. **Informação em Pauta**, v. 3, n. 1, p. 97-112, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/33355> Acesso: 06 de agosto de 2024.

BARRETO, R. **Lélia Gonzalez, uma Intérprete (Negra) do Brasil**. In: MAIA, A. C. N. (org.) *Recortes do Feminino*. Rio de Janeiro: Telha, 2021, p. 229-245. Disponível em:

[https://www.academia.edu/69502439/L%C3%A9lia\\_Gonzalez\\_uma\\_Int%C3%A9prete\\_Negra\\_do\\_Brasil](https://www.academia.edu/69502439/L%C3%A9lia_Gonzalez_uma_Int%C3%A9prete_Negra_do_Brasil) Acesso: 01 de agosto de 2024.

BISPO, S. S. Feminismos em debate: Reflexões sobre a organização do movimento de mulheres negras em Salvador (1978 - 1997). Dissertação (**Mestrado**) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011. 204p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6302/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20final.pdf> Acesso: 08 de setembro de 2024.

BUENO, H. O feminismo negro contra a injustiça epistêmica: um estudo das abordagens de Sueli Carneiro e Patricia Hill Collins. **Rev. Ciênc. Soc.** 24, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/GsdnLdHgtCWWVVsCcfbThxH/?lang=pt#> Acesso: 06 de agosto de 2024.

CAETANO, I. F. O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade. Artigo (**Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Gênero e Direito**), Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 24p. 2017. Disponível em: [https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero\\_e\\_direito/edicoes/1\\_2017/pdf/DeslvoneFerreiraCaetano.pdf](https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_direito/edicoes/1_2017/pdf/DeslvoneFerreiraCaetano.pdf) Acesso: 01 de junho de 2024.

CARMO, M. A. et al. Enegrecendo as referências: Intervenções possíveis do movimento negro na educação brasileira. **Inter-Ação**, v.46, n.1, p. 80-94, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v45i3.65156> Acesso: 10 de julho de 2024.

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/29460> Acesso: 01 de agosto de 2024.

COSTA, F. J. P.; RODRIGUES, M. G. Economia contemporânea e relações internacionais. **Revista MultiAtual**, v. 4, n. 7, p. 14-32, 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/372230724\\_Economia\\_Contemporanea\\_e\\_Relacoes\\_Internacionais](https://www.researchgate.net/publication/372230724_Economia_Contemporanea_e_Relacoes_Internacionais) Acesso: 01 de junho de 2024.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics, **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1991. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf> Acesso: 20 de maio de 2024.

CRISPINIANO, M. N. Os discursos em torno da mulher negra [manuscrito]: identidade, corpo e beleza. Trabalho de Conclusão de Curso (**Graduação em História**) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016. 61p. Disponível em: <file:///C:/Users/lf-vi/Downloads/PDF%20-%20Monyke%20do%20Nascimento%20Crispiniano.pdf> Acesso: 20 de jun. de 2024.

FAGUNDES, L. Impactos culturais da Primeira Guerra Mundial no Brasil: pequeno debate historiográfico. **Revista História & Guerra**, v. 1, p. 3-22, 2021. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/historiayguerra/article/view/10988/9883> Acesso: 20 de maio de 2024.

FONTANA, C. P. A evolução do trabalho: da pré-história até o teletrabalho. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v.7, n.7, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1759> Acesso: 20 de maio de 2024.

GOMES, R. C. A. Benedita da Silva: Caminhos de uma mulher negra e favelada na luta por direitos humanos no Brasil. Tese de doutorado (**Doutorado em Direitos Humanos e Cidadania**) - Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, da Universidade de Brasília, 2023. p. 243. Disponível em: <http://www.rlbea.unb.br/jspui/handle/10482/48025> Acesso: 10 de julho de 2024.

GONÇALVES, J. R. Internacionalização, mundialização e globalização: conceitos ainda em consolidação. *In*: FRANCO, J. E.; CAETANO, J. R. (Orgs.) **Globalização como Problema: Temas de Estudos Globais**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. p. 23-54, 2020. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10334> Acesso: 20 de julho de 2024.

GONZALEZ, L. Entrevista ao coletivo mulheres negras do umbigo para o mundo. **Arte & Ensaios**. Revista do ppgav/eba/ufrrj, n. 38, 2019.

MARCELINO, G. As sufragistas e a primeira onda do feminismo. Sobre a primeira onda do feminismo e algumas reflexões a respeito das características, os desafios e métodos do movimento feminista hoje. **Revista Movimento**, 2018. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/02/sufragistas-primeira-onda-feminismo/> Acesso: 06 de junho de 2024.

MATOS, M. M. O feminismo é negro: Sueli Carneiro, ativismo intelectual e políticas para mulheres no Brasil. Dissertação (**Mestrado**) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. – Campinas, SP: [s.n.], 2022. Disponível em: [file:///C:/Users/lf-vi/Downloads/matos\\_milenemarquesde\\_m.pdf](file:///C:/Users/lf-vi/Downloads/matos_milenemarquesde_m.pdf) Acesso: 06 de agosto de 2024.

NEVES, V. Movimentos sociais “clássicos”, “contemporâneos” e relevância da estratégia socialista. **Revista Marx e o Marxismo** v.8, n.14, 17p, 2020. Disponível em: <https://www.niepmarx.com.br/index.php/MM/article/view/366> Acesso: 15 de maio de 2024.

Nevs

, J. M. F. A participação feminina na política: análise do desenvolvimento dos movimentos sufragistas. *In*: **Caderno da Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança**, v. 5, n. 1, p. 96-111, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/lf-vi/Downloads/fserviensi,+8+-+A+PARTICIPA%C3%87%C3%83O+FEMININA+NA+POL%C3%8DTICA.pdf> Acesso: 13 de maio de 2024.

QUEIROZ, D. M.; SANTOS, C. M. As mulheres negras brasileiras e o acesso à educação superior. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, v. 25, n. 45, p. 71-87, 2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/faeeba/v25n45/0104-7043-faeeba-25-45-00071.pdf> Acesso: 10 de julho de 2024.

RATTS, A. Lélia Gonzalez e seu lugar na antropologia brasileira: “cumé que fica?”. **Revista Mana**, 28 (3), 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/v7NGFdfB4fpNXG3LSpkXBDr/?lang=pt#> Acesso: 05 de agosto de 2024.

RIOS, F.; KLEIN, S. Lélia Gonzalez, uma teórica crítica do social. **Soc. estado**. 37 (3), 2022; Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/BbT6Ln5cx94qLQRvyghpyHL/#> Acesso: 05 de agosto de 2024.

RODRIGUES, C. Análise da ADPF nº738: Avanço histórico para participação de negros e pardos na política brasileira. **R. bras. dir. Eleit. – RBDE**, ano 13, n. 24, p. 43-57, 2021. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/71054201/Analise\\_da\\_ADPF\\_no\\_738\\_avanco\\_historico\\_para\\_a\\_participacao\\_de\\_negros\\_e\\_pardos\\_na\\_politica\\_brasileira\\_-](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/71054201/Analise_da_ADPF_no_738_avanco_historico_para_a_participacao_de_negros_e_pardos_na_politica_brasileira_-) Acesso: 10 de julho de 2024.

RODRIGUES, C.; FREITAS, V. G. Ativismo feminista negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** (34), 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/NFdhTdVLSRPHzdDzVpBYMq/?lang=pt#> Acesso: 01 de agosto de 2024.

RODRIGUES, L. F. S. Movimento de mulheres negras no Brasil: desafios da resignificação de uma identidade feminina negra em períodos de pandemia. **Revista Contraponto**, V. 7, n. 1, p. 133-147, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/107747> Acesso: 01 de junho de 2024.

SANTOS, A. M. S. Reflexões sobre gênero e raça na obra olhos d'água de Conceição Evaristo. **Revista da Academia Brasileira de Filologia**, v. 29, p. 79-99, 2022. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.filologia.com.br/revista/REVXXIX.pdf#page=79> Acesso: 05 de agosto de 2024.

SANTOS, T. C.; LIMA, G. L. S. P. Empoderamento e representatividade: a importância do movimento feminista para o direito a igualdade. Trabalho de Conclusão de Curso (**Bacharel em Direito**). Universidade São Francisco, 2020.

SANTOS, S. P. Movimento de Mulheres Negras no Brasil: rompendo com os silenciamentos e protagonizando vozes. **Revista de Ciências do Estado**, v. 5, n. 2, e 24506, 2020. Disponível em: <https://www.sumarios.org/artigo/movimento-de-mulheres-negras-no-brasil-rompendo-com-os-silenciamentos-e-protagonizando-vozes> Acesso: 20 de maio de 2024.



SILVA, A. F. L. Quando as mulheres negras se movimentam. **Revista TEL**, v. 14, n. 1, p. 15-37, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/21651/209209217658> Acesso: 06 de agosto de 2024.

SILVA, A. P. P.; ALMEIDA, M. S. Uma mulher negra com nome e sobrenome: Benedita Souza da Silva Sampaio. **Revista em Pauta**, n. 46, v. 18, n. 278-283, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/342813647\\_Uma\\_mulher\\_negra\\_com\\_nome\\_e\\_sobrenome\\_Benedita\\_Sousa\\_da\\_Silva\\_Sampaio](https://www.researchgate.net/publication/342813647_Uma_mulher_negra_com_nome_e_sobrenome_Benedita_Sousa_da_Silva_Sampaio) Acesso: 10 de julho de 2024.

SILVA, M. C. C.; BRONZO, C.; BRASIL, F. P. D. Movimento feminista negro, ação coletiva e incidência em políticas públicas. **Rev. Estud. Fem.** v. 32, n.2, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/gGmvXYWYXB8FGQLHxNpTycr/#> Acesso: 01 de agosto de 2024.

SILVA, R. C. A. L. et al. A produção literária de Conceição Evaristo: escrevivências do feminismo negro no Brasil. *In: Anais VIII CONEDU*. Campina Grande: Realize, 2022. Disponível em: <https://mail.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/88492> Acesso: 05 de agosto de 2024.

SOUSA, A. T.; SILVA, U.; JARDIM, F. Feminismo negro: pedagogias, epistemologias, ético-políticas e métodos. Entrevista com Christen A. Smith. **Educ. Pesqui.**, v. 48, P. 1-24, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/n4TZ7pVc35QYDyfpTPn9YVp/> Acesso: 05 de setembro de 2024.

TABOADA, C. R. O. Um ativismo (quase) esquecido: o movimento sufragista e seu impacto na política externa britânica (1914-1918). Trabalho de Conclusão de Curso (**Bacharel em Relações Internacionais**). Porto Alegre: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 74p, 2021. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/11774> Acesso: 10 de junho de 2024.

TREVAS, L. L. Geopolítica da distopia: o sistema de dominação em 1984. *Intelligere. Revista de História Intelectual*, n. 13, p. 13-25, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/203733/187602> Acesso: 15 de maio de 2024.

WESCHENFELDER, V. I.; FABRIS, E. T. Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/V5GmfZLb5mKJRZCfKdcvhVL/> Acesso: 15 de maio de 2024.

## AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha gratidão a Deus pela dádiva da vida, pelas bênçãos diárias concedidas, pelas batalhas vencidas e conquistas alcançadas, e por colocar em meu caminho pessoas especiais, os quais sempre me encorajaram a seguir em frente mesmo diante de inúmeras dificuldades enfrentadas ao longo desta jornada, incluindo a elaboração deste artigo.

Ao carinhoso coração materno, que com seu amor e apoio incondicional, me impulsionou a percorrer com determinação até o desfecho desta trajetória. Sua força de vontade e constância são admiráveis.

Para o meu pai, lembranças que perduram para sempre.

Para minha amada filha Rafaela Kauany, dedico este novo feito, pois sempre estive ao meu lado, confiou em mim e batalhou junto comigo.

Aos meus irmãos Kassyo Oliveira da Silva e Kilson Oliveira da Silva, que sempre me apoiaram, e Ivaldo Oliveira da Silva (*In memoriam*).

Quero expressar minha gratidão ao meu grande amigo Joalison de Souza, uma pessoa em quem sempre pude confiar. Ele é alguém que estará sempre presente em minha jornada.

Gostaria de expressar minha gratidão aos meus amigos Onildo, Thalita Kadija, Jhonattan Kleber por estarem sempre ao meu lado, compartilhando conversas incríveis e vivendo momentos especiais juntos.

Ao meu orientador, o Professor Waldeci Ferreira Chagas, que sempre esteve presente para me encorajar nos momentos em que eu pensava em desistir. Agradeço imensamente por me permitir ser orientado por você. Minha gratidão!

Quero expressar minha gratidão a todos os/as educadores/as que estiveram presentes em minha jornada de estudos, incentivando o desenvolvimento do caráter e da afetividade pela educação durante minha formação acadêmica. Agradeço também à equipe administrativa da UEPB/CH, em particular àqueles que coordenam o Curso de História.

Agradeço!